

Renegociação da dívida é consenso

Ministros da Indústria e do Comércio durante os governos Médici e Geisel, respectivamente, o deputado Pratini de Moraes e o senador Severo Gomes sustentam hoje publicamente apenas uma opinião comum: a superação dos problemas sociais que se agravaram no país, a partir da crise econômica e financeira, tem como ponto de partida o encontro de uma fórmula de pagamento da dívida externa que permita a retomada do crescimento interno.

Pratini — identificado com a candidatura Paulo Maluf — e Severo — integrante da Aliança Democrática que apóia a candidatura Tancredo Neves — propõem caminhos distintos para o pagamento da dívida, trocam suspeitas e dúvidas sobre o futuro governo e examinam, neste debate, a realidade e as perspectivas nacionais.

P — Que elementos oferecem a esperança de que o governo Tancredo ou Maluf consiga enfrentar esses problemas que têm origem na crise econômica e financeira do país tipo desemprego, fome, inflação, etc.

Pratini de Moraes — acredito que o primeiro fato que permitirá e viabilizará a retomada do crescimento econômico e a possibilidade da negociação da dívida. Eu considero que o único objetivo de política econômica que realmente interessa à Nação brasileira é o de criar oportunidades de trabalho. Todos os outros objetivos são complementares. Agora esse objetivo de criar oportunidades de trabalho passa primeiro pela reativação da economia interna. E a reativação da economia interna não é possível promover nessa brutal restrição representada pela forma como estamos pagando a dívida..

Severo Gomes — Acontece que você só consegue negociar ou renegociar se você tiver a capacidade de confronto. É preciso ver qual é a articulação de forças que cerca um e outro para você se assegurar de que realmente há alternativa da negociação da dívida. Então, qual é essa articulação de forças? Pode ser que até amanhã venha acontecer de forma diferente. Mas é preciso lembrar que em torno do deputado Maluf estão, quer dizer, algumas pessoas que representaram sempre a submissão externa do país: Roberto Campos Golbery do Couto e Silva, Trajano Augusto de Azevedo Antunes. Eles são o símbolo no Brasil da dependência, da aceitação do magistério do país industrializado. Então, na medida que essas pessoas estão lá, elas simbolizam também alguma coisa. Do outro lado nós temos o ex-governador Tancredo Neves cercado por forças que representam exatamente o contrário. Parece que fazem uma afirmação nacionalista e pretendem armar o país para ter capacidade de confronto. Confronto para negociar.

PM — Eu acho que agora o senador Severo Gomes fez uma declaração muito importante. Ele deixou claro que em matéria econômica, pelo menos em matéria da re-



Pratini (E) discorda da posição de "confronto" sugerida

negociação da dívida, se vencer o candidato da oposição, predominarão as forças de esquerda, uma vez que estará anulada a participação de muitos dos representantes da Frente Liberal que apóiam o candidato das oposições e cujas características ideológicas e posições passadas, são iguais, para não dizer parecidos, às do que apoiam o deputado Paulo Maluf que ele referiu. Acho que é uma declaração muito importante.

P — E a esquerda quem vai orientar o dr. Tancredo Neves?

SG — O Pratini exibiu aqui um velho cacoete nacional: quando você fala em nacionalismo.

PM — Você não falou em nacionalismo.

SG — Como não? Eu falei em esquerda algum momento? Não. Falei das forças nacionalistas que defendem o país, que estão, vamos dizer mobilizadas para isto, e que têm em contrapartida aqueles sempre que representaram o entreguismo nacional.

P — Parece que todas estas questões passam por um pré requisito, que é a credibilidade do governo e uma das acusações que se faz ao candidato do PDS é que lhe falta exatamente isto. É possível operar estas mudanças sem credibilidade? O sr. reconhece esta falta de credibilidade do candidato do PDS?

PM — Eu considero que credibilidade e confiança são dois ingredientes fundamentais para o êxito de qualquer política econômica. Sei também que tendo em vista as grandes dificuldades econômicas por que passa o país, que empobreceu 15 por cento, qualquer candidato terá dificuldades por termos construído, uma imagem, porque ela estará inexoravelmente associada às dificuldades que estamos enfrentando. A não ser que o nosso candidato decidisse, e acho que não o fará, de criticar o governo. Basta fazer um discurso contra o BNH, dívida externa, inflação que se consegue Ibope. Como o nosso candidato não está fazendo isto vai ser muito difícil para ele conquistar o tipo de imagem que você se refere. Mas acho que no

entanto a partir de determinado momento a opinião pública começa a cobrar dos candidatos as suas posições. E acho que meu candidato tem posições claras declaradas, e inclusive disposto a debatê-las com o candidato das oposições, o que até hoje não ocorreu, ao que estou informado, porque o candidato das oposições se recusa ao debate.

P — O deputado Pratini está novamente chamando a atenção para a complexidade da Aliança e, em consequência, da dificuldade de definição de pontos programáticos da Aliança Democrática. Quando é que o documento compromisso com a Nação vai se transformar em programa?

SG — O Tancredo Neves já colocou algumas proposições fundamentais que estão sendo elaboradas para que tenham maior profundidade e amanhã possam sofrer a crítica interna dentro do partido, da sociedade e do próprio governo. Estas questões fundamentais estão colocadas. Eu queria colocar uma questão respondendo à sua: primeiro a heterogeneidade do partido permite formar coisas mais concretas. Concordo. Um grupo muito heterogêneo terá que encontrar caminhos que podem ser até curtos na marcha deste conjunto de forças, mas que esta mesma questão existe com relação ao PDS. Se o PMDB, é um partido que tem gente que vai do centro à extrema-esquerda, o PDS tem gente que vai do centro à extrema-direita. Toda a extrema-direita brasileira está apoiando o candidato Paulo Maluf. Todo o conjunto dessas forças que estiveram presentes no período mais duro do autoritarismo estão com ele. Aquilo que representava o SNI, (a KGB), as forças repressivas. Então a heterogeneidade há de um lado e do outro.

P — Senador, o PMDB já transitou da proposta de moratória, para a proposta de renegociação da dívida. O que produziu essa mudança e, entendendo a pergunta um pouco mais, por que as duas candidaturas rejeitam esta hipótese?

PM — A proposta do PMDB documentada é da moratória, eu ainda não vi a proposta da Aliança. A proposta do PMDB, e o Dr. Tancredo é o candidato do PMDB, oficialmente ele é candidato só do PMDB, é a moratória. Qual é a proposta nova, já que a moratória não serve mais? Acho que a moratória é um suicídio irresponsável.

P — Sem contar um segmento de esquerda do PMDB que ainda tenta influir no programa pedindo a anulação dos acordos. Qual a diferença dos acordos com a ruptura com o fundo?

SG — O problema da anulação dos acordos é o seguinte: a nossa Constituição diz que todos os acordos internacionais devem ser referendados pelo Congresso. Os acordos com o Fundo Monetário não foram referendados pelo Congresso, portanto eles não têm validade jurídica.

P — O confronto é mau para o Brasil por que?

PM — Porque não leva a nada. O que o Brasil precisa é deixar essa mentalidade colonialista, subdesenvolvida, terceiromundista, que é uma doença que nos aflige. O que precisamos é negociar objetiva concretamente, defendendo o interesse nacional, e tendo o cenário real do comércio internacional e do sistema financeiro internacional, propondo inclusive as alterações em nível de governo.

SG — Este conceito de negociação foi exercido durante todo tempo, e em todas as conferências internacionais e não houve um passo de progresso. O que nós não entendemos do lado de cá, é que só você mobilizando no sentido contrário e tendo capacidade de confronto é que eles vão ceder. Esta é a história de toda a negociação.

PM — O PDS tem capacidade de confronto.

SG — Esta capacidade de confronto deve ser o Golbery, Roberto Campos, Dr. Antunes, que são os lanceiros dessa capacidade de confronto.

PM — Eu não vou citar nomes de eminentes políticos e empresários e banqueiros brasileiros que dizem apoiar a candidatura das oposições por que a eles certamente você aplicará os mesmos tratamentos.

SG — O que eu estou dizendo é que eles pensam de uma maneira errada. Não faço nenhum julgamento quanto à moralidade. Sou amigo pessoal do general Golbery mas aqui estou julgando as suas idéias.

P — O Sr. acha que este confronto de que fala o senador Severo é inútil, ou então é prejudicial?

PM — Eu acho que é prejudicial, inútil e ineficaz, e ele está sendo colocado dessa forma, porque provavelmente o eminente senador no seu partido está tentando construir algum tipo de ponte para a inviabilidade da proposta da moratória e uma nova proposta que eles terão de apresentar conciliando as propostas originais do PMDB com as propostas que terá de fazer a Frente Liberal, e certamente terá idéias diferentes da moratória.

SG — Você admite que quer renegociar a dívida. Sem uma renegociação nós estamos fritos. Para renegociar esta dívida você há de admitir que é preciso mudar as condições de taxas de juros, prazo de pagamento,